

## COLETA DE DADOS: O MÉTODO DA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

### META

Apresentar as etapas de constituição de uma amostra de língua para a análise Sociolinguística Variacionista.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
constituir uma amostra de língua de acordo com a metodologia laboviana, seguindo o protocolo da entrevista sociolinguística.

### PRÉ-REQUISITOS

Rever as aulas anteriores e definir algum fenômeno variável.



(Fontes: <http://images.quebarato.com.br>)

## INTRODUÇÃO

Como vimos nas nossas aulas, a Sociolinguística Variacionista se caracteriza por sua metodologia, a qual delinea a emergência de regras variáveis com base na observação empírica da fala. Vimos já o recorte das regras variáveis e a definição do envelope da variação. Nesta aula, veremos as estratégias metodológicas para a obtenção dos dados.



A entrevista deve ser em um local calmo, com o menor nível de ruído, preferencialmente na casa do entrevistado ou em outro local em que ele se sinta a vontade.  
(Fontes: <http://www.bgsu.edu>)

## O OBJETO DE ANÁLISE: O VERNÁCULO

Agora que já conhecemos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, chegou a hora de vermos como estes são aplicados, ou seja, como identificamos fenômenos de variação e mudança. É fácil observar a variação “de ouvido”, mas para que a nossa intuição acerca de um fenômeno tenha valor científico, é necessário cercarmos-nos de protocolos que permitam a validação do experimento pela comunidade acadêmica.

Depois de definido o fenômeno variável a ser analisado, devemos começar a pensar na coleta de dados que comporão a amostra linguística. O interesse da sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, “o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 208). O vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível. É no vernáculo que um fenômeno variável emerge.

## DELIMITAÇÃO/ESTRATIFICAÇÃO DA AMOSTRA: O CONTROLE DE FATORES SOCIAIS

Para o estudo de fenômenos de variação e mudança linguística, faz-se necessário, depois do recorte da regra variável (como vimos na aula anterior), realizar uma coleta de dados para subsidiar a análise. Lembremos que a Sociolinguística define as regras a partir da frequência de uso de cada variante. Ou seja, não podemos pegar um ou outro dado, escolhido “a dedo”, para fundamentarmos a nossa descrição de regra. A abordagem sociolinguística parte da pesquisa empírica, com dados reais, produzidos por falantes reais, pertencentes a uma dada comunidade de fala. Assim, a amostra de dados para uma pesquisa sociolinguística deve ser representativa de um determinado grupo, de uma dada comunidade de fala.

Para Labov (2001, p. 38), uma amostra verdadeiramente representativa de uma comunidade de fala precisa tomar como base uma coleta aleatória em que cada um dos muitos falantes que a constituem tenha a mesma chance de ser selecionado. Afinal, trata-se de uma investigação científica, que deve seguir uma metodologia rigorosa e que seja possível ser executada novamente, por outros pesquisadores, em outros contextos.

Apesar de ser aleatória, a seleção de indivíduos que são potenciais falantes fornecedores de dados para a investigação costuma ter algumas restrições. Normalmente, escolhem-se indivíduos que sejam falantes nativos da língua, que tenham morado na cidade onde nasceram por pelo menos 2/3 de sua vida, preferencialmente filhos de pais nascidos e criados na mesma cidade, que não tenham morado fora da cidade no período de aquisição da língua – notadamente, infância e adolescência – e, ainda, que não causem

estranheza aos demais falantes da comunidade. As restrições reduzem bastante o número de potenciais fornecedores de dados, mas, ao mesmo tempo, dão uma mínima garantia de que aqueles indivíduos selecionados são genuínos representantes da comunidade de fala a ser analisada.

Após esta primeira triagem, os indivíduos são agrupados em **células sociais**. Como vimos na aula 5, os fenômenos de variação linguística estão sujeitos à influência de fatores internos (linguísticos) e externos (sociais). Os indivíduos apresentam índices de enquadramento social: pertencem a dado sexo, têm certa faixa etária, passaram (ou não) por escolarização, entre outros, e a amostra irá, de alguma forma, representar estes índices. As células sociais são os subconjuntos formados pela tabulação destes índices. Se montarmos uma amostra estratificada quanto a sexo, idade e escolaridade dos indivíduos, por exemplo, temos que considerar que há dois sexos (masculino e feminino) e podemos estipular 3 faixas etárias (adolescentes, de 14 a 18 anos, adultos de 19 a 59 anos e idosos, com mais de 60 anos) e duas faixas de escolarização (analfabetos e alfabetizados). Assim, teríamos  $2 \times 3 \times 2 = 12$  células sociais.

Tabela 4: Estratificação social de uma amostra

	Analfabetos		Alfabetizados	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Adolescentes	X	X	X	X
Adultos	X	X	X	X
Jovens	X	X	X	X

Os entrevistados podem ser estratificados em função de sua escolarização: analfabetos vs. escolarizados; ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Não existe uma estratificação padrão: a definição da estratificação quanto à escolaridade dos indivíduos é normalmente definida em função do perfil da comunidade. Em comunidades rurais, por exemplo, a estratificação em analfabetos e escolarizados pode ser mais produtiva do que a estratificação em níveis de escolaridade do fundamental ao superior. Cada caso deve ser analisado individualmente. Convém ressaltar, como vimos na aula 5, que a escolaridade é sempre um fator social significativo nos fenômenos de variação e mudança linguística, e que deve ser previsto na definição da amostra.

Depois de definirmos a estratificação social da amostra, devemos estabelecer quantos indivíduos serão alocados em cada uma das células sociais. Ou seja, quantos indivíduos comporão a amostra, respeitando a estratificação. Como a Sociolinguística Variacionista trabalha com a metodologia quantitativa, baseada em frequências, a amostra deve ser dimensionada de acordo com algum critério estatístico, pois como estamos trabalhando com uma amostra, não precisamos coletar dados de “todos” os falantes daquela

comunidade de fala. Normalmente, seleciona-se 1% do total de indivíduos que compõem a comunidade de fala. Segundo Braga e Mollica (2003), uma situação ideal seria ter 5 indivíduos em cada célula social – no nosso caso acima, necessitaríamos de 60 indivíduos. Mas nem sempre é possível coletar dados de tantos informantes, por indisponibilidade ou por escassez de tempo e recursos. O número mínimo de informantes por célula – adotado pelos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros, como o PEUL, VARSUL, VALPB – é de 2 informantes por célula. Sempre é bom lembrar que o tamanho da amostra é definido em função do fenômeno analisado e da comunidade de fala escolhida para a investigação.

Depois de definirmos o perfil social que a amostra terá, precisamos escolher o modo como coletaremos os dados a serem analisados. Diferentes técnicas podem ser empregadas, de acordo com o fenômeno analisado. Vejamos três estratégias utilizadas por Labov.

Na análise do /r/ em Nova Iorque, Labov realizava coletas rápidas dentro das lojas de departamento, com pergunta pré-definida que exigia resposta pré-definida: “que andar é este?” “quarto andar”, como vimos na aula 3. Deste modo, poderiam ser coletados dados de um grande número de indivíduos. Em um estudo na cidade da Filadélfia, que na década de 1980 contava com uma população 1.688.210 (LABOV, 2000, p. 42), a técnica utilizada foi a abordagem telefônica, em que os pesquisadores entrevistavam brevemente os assinantes do serviço (na década de 1980, mesmo nos Estados Unidos, possuir linha telefônica era um índice social). Já em seu estudo sobre a centralização dos ditongos em Martha’s Vineyard, que também vimos na aula 3, Labov valeu-se de entrevistas semidirigidas em que os indivíduos eram convidados a discorrer sobre assuntos que fariam com eles utilizassem palavras com o fenômeno analisado.

O custo de constituição de um banco de dados sociolinguísticos é alto e demanda tempo; por isso, cada vez mais tem-se constituído bancos de dados sociolinguísticos que sirvam ao estudo de diferentes fenômenos variáveis, tais como o VARSUL, VALPB, PEUL, etc. Estes bancos de dados fazem uso de um método chamado de “entrevista sociolinguística”, o qual veremos na seção a seguir.

## AS ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

As narrativas orais são o ambiente ideal para o estudo quantitativo da variação no plano discursivo, já que são unidades naturalmente delimitadas do discurso, com uma estrutura interna regular, o que propicia uma análise controlada e sistematizada dos aspectos formais e funcionais da variação (SCHIFFRIN, 1994). As entrevistas sociolinguísticas são estratégias eficientes de coleta de dados, uma vez que são estruturadas por um protocolo que visa diminuir/evitar o que Labov (2008) chama de paradoxo do observador.

Como vimos no início desta aula, o interesse da Sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, e as entrevistas sociolinguísticas são a melhor estratégia para obtê-lo, de modo a servir ao maior número de fenômenos variáveis.

Para realizar a entrevista, é necessária a presença de um elemento estranho à comunidade, o pesquisador, em uma situação dialógica também estranha (a presença de um microfone e um gravador), gerando o paradoxo do observador: o pesquisador precisa estar presente para coletar uma quantidade de amostra do vernáculo adequada e dirigida aos seus estudos, mas como fazer com que o falante fale espontaneamente o seu vernáculo diante de um pesquisador que o está tomando como material de análise?

Estratégias para tentar minimizar os efeitos do paradoxo do observador costumam ser aplicadas, como o treinamento de um membro da comunidade para a coleta dos dados e a elaboração de um roteiro de entrevista dirigida para determinados temas com os quais o falante se envolva e esqueça-se de que está sendo gravado, como situações de risco de morte, fatos da infância, etc., além de questões dissertativas sobre assunto específico (economia, esporte, política, religião) e questões procedurais (receitas, “como chegar em...?”). Ao falar sobre experiências com as quais se envolveu afetivamente, o falante envolve-se com o tema discorrido e se esquece de monitorar a fala. É esse o contexto de análise que interessa à Sociolinguística laboviana: o contexto em que o falante fala o seu vernáculo. As entrevistas sociolinguísticas seguem um roteiro previamente estabelecido, que foi montado com vistas a obter o vernáculo dos entrevistados. Falar sobre fatos da infância, sobre situações familiares complexas, sobre como era a vida na cidade, sobre uma situação de risco de morte, são alguns dos pontos abordados nas entrevistas.

O roteiro das entrevistas sociolinguísticas – organizado de modo a minimizar os efeitos do paradoxo do observador – funciona como um gatilho e direciona à produção de tipos/sequências textuais pelo falante, resultando um todo – a entrevista sociolinguística – heterogêneo.

### **PROTOCOLO DA ENTREVISTA: GRAVAÇÃO E TRANSCRIÇÃO**

Depois de definirmos a estratificação social da amostra e de verificarmos as orientações para a obtenção do vernáculo, passemos, então, à abordagem dos informantes e à gravação da entrevista sociolinguística.

Considerando todas as estratégias para evitar o paradoxo do observador, como vimos na seção anterior, não podemos abordar um potencial informante dizendo que estamos fazendo uma pesquisa sociolinguística e queremos analisar a sua fala... O informante avaliará o entrevistador, e certamente monitorará sua fala, afinal, trata-se de um universitário, que espera

que “eu fale certo”. Assim, normalmente, ao abordarmos o informante, dizemos que estamos fazendo uma pesquisa sobre como era a vida no bairro, ou outro assunto que seja mais neutro do ponto de vista sociolinguístico. Com a concordância do informante, fazemos a checagem social: perguntamos a idade, a escolaridade, onde nasceu, onde morou, a fim de observarmos se atende aos requisitos da estratificação. Depois, marcamos a entrevista sociolinguística propriamente.

Atualmente, a tecnologia permite que os gravadores de voz sejam praticamente imperceptíveis, muito diferente dos gravadores da década de 1960... Deve-se escolher um gravador bom, selecionar o formato de gravação menos compactado possível. Hoje, alguns celulares possuem gravador de voz com excelente qualidade, com a vantagem de não causar estranheza ao entrevistado.



*Gravador de arame da década de 1960*

Fonte: <http://www.militaria.blogspot.com.br>

O gravador deve ser posicionado entre o entrevistador e o entrevistado. A entrevista deve ser realizada em um local calmo, com o menor nível de ruído (evite ventilador, ar condicionado, cachorro latindo, criança), preferencialmente na casa do entrevistado ou em outro local em que ele se sinta à vontade. Inicialmente, deve-se perguntar as mesmas coisas que foram perguntadas na abordagem inicial, a fim de certificarmos-nos da estratificação do informante e também para ir “quebrando o gelo”.

Perguntas sobre fatos com os quais o falante tem envolvimento afetivo – como um caso de risco de morte, acidente, doença, infância, relacionamento – são as que mais propiciam a fala menos monitorada, espontânea. A entrevista deve ser conduzida em torno destes temas, acrescidos de outros que levem à produção de outros tipos textuais diferentes da narrativa, como perguntas procedurais – pedir uma receita culinária de família, que faça sucesso – ou perguntas que levem à produção de textos opinativos/argumentativos/explanativos, como sobre política, administração de determinado gestor, aumento de salário mínimo, etc.

Na entrevista sociolinguística, quem fala é o entrevistado, e não o entrevistador! O entrevistador deve lançar a pergunta gatilho e

minimizar suas participações. Devemos sempre lembrar que a entrevista sociolinguística não é um diálogo, quem detém o turno é o entrevistado, e não o entrevistador. Cabe ao entrevistador manter a interação, fazendo encaminhamentos que levem o entrevistado a falar ainda mais.

Normalmente, uma entrevista sociolinguística dura entre 45 a 60 minutos (esta é a duração padrão adotada pelos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros). Mas a duração é determinada pela dinâmica do entrevistado, que nem sempre está disposto a falar.

Ao final da entrevista, após o agradecimento pela colaboração, o entrevistador deve solicitar ao entrevistado que assine o termo de consentimento livre e esclarecido. Em todas as pesquisas que envolvem seres humanos, o comitê de ética orienta que se tenha o consentimento formal dos participantes. No nosso caso, não temos experimentos que afetem a vida dos indivíduos colaboradores com a pesquisa, mas fazemos uso de sua fala para descrever as variedades do português.

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, nome do entrevistado, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado título da pesquisa, cujos objetivos e justificativas são: descrever as variedades linguísticas faladas em nome do lugar.

A minha participação no referido estudo será no sentido de ser entrevistado. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: nomes dos pesquisadores e instituições a que estão vinculados em relação à pesquisa e com eles poderei manter contato pelos telefones telefones dos pesquisadores.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Lugar, data.  
Assinatura

## DEPOIS DA ENTREVISTA

Realizada a entrevista, atribuímos ao indivíduo um código que indique sua estratificação social e passamos para a parte de redução e apresentação dos dados. Podemos transcrever a entrevista integralmente ou ouvi-la e transcrever apenas os contextos em que o fenômeno analisado ocorre.

Vejam, a seguir, um excerto de uma entrevista sociolinguística já transcrito. O indivíduo selecionado é um rapaz, com 18 anos, alfabetizado, residente na área urbana do município de Itabaiana. A entrevista pertence à amostra Entrevistas Sociolinguísticas, do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade.

É o acidente assim em dois mil e um ... eu tinha -- eu tava trabalhando de moto boy... entregava lanche... tinha um ano de... de serviço só... teve uma noite aí que já era umas onze e meia mais ou menos da noite... eu -- era-- ia ter um evento aqui na cidade... aí não teve... aí foi o maior furdunso... aquela corre-corre ... e tal... o que acontece? um rapaz... um cliente nosso... assim... já de muito tempo... chegou lá e pediu pra entregar um lanche... e a lanchonete como tava-- vendi-- era um ponto de venda de... de... de ingresso... tava o maior alvoroço ... aquele corre-corre... polícia... gente querendo dinheiro de volta ...e tal... o que acontece? quando eu fui levar esse lanche era:: em torno de umas onze e meia por aí... entreguei o lanche... ao invés de+eu voltar pra lanchonete... eu fiz o percurso ... pra ariar a cabeça...tal... gostava de passear um pouquinho... é quando foi na::... na rua:: Eraldo Barbosa... esquina com::... com a Quintino Bocaiúva... aconteceu o acidente... foi:: eu vinha mais ou menos a uns oitenta por hora... e:: de-- na esquina um cruzamento... quando eu dei por mim já vinha um farol em minha direção aca /acabou que+eu num tive nem reação... só fiz:: ficar parado na moto virar o rosto e senti a pancada... nesse acidente... esse acidente:: dá/a partir desse momento eu num... apaguei... eu apaguei... num lembro de... de muita coisa... após o acidente mais

E: e você tava sozinho... era?

F: tava sozinho na moto... e:: o outro rapaz tava embriagado... o do outro da colisão... no momento eu apaguei pra mim... pra minha memória... só que relatos de pessoas que tavam no meu lado lá... no momento que eu tava sangrando... diz que eu fiquei muito atordoado... tentei levantar a moto... isso todo ensanguentado é:: tentei bater na pedicula e num aguentei... aí caí... foi na hora que chegou o rapaz pra mim socorrer... acabou levando pro hospital daqui de Itabaiana... chegando lá o médico... os médicos plantonista que tava lá no momento... começaram a fazer os primeiros socorros... e tal... dá ponto... e essas coisa assim... só que devido a gravidade do acontecido... o:: o outro cidadão... ele só pegou um

cortezinho leve no rosto... na face...de... de... três pontos quatro ponto... mais tava tudo bem... já o meu como abriu o crânio... aqui a cabeça... eu fiquei em coma... deu traumatismo craniano... e o médico daqui não::... vamo se dizê que não foi que ele não tava preparado ou... mais eu não sei se a gravidade era tão grande que ele não quis me é:: mexer muito com essa coisa e mandou... encaminhou pra Aracaju... só que no momento do acontecido do acidente não tinha ambulância no hospital... e:: graças a Deus por sorte num sei... ia chegado o carro do... do... da funerária... até a funerária de um:: de um rapaz conhecido aqui de Itabaiana... pra pegar um senhor que tinha falecido e ele... não:: não hesitou em me ajudar não... ele chegou ligou pro outro rapaz da funerária pediu pra ir pegar o senhor... que ele ia:: socorrer... me socorrer no caso... chegou foi eu... minha mãe...no caso... eu não vô minti... não bem lúcido... tava meio atordado... a cabeça doeno...tal... a pancada foi muito forte... eu tava desacordado... só que o que acontece? foi eu... minha mãe... a namorada do rapaz e ele... todos no carro da funerária... o incrível que pareça que foi:: até... até irônico dizer o a funerária acho que ele foi ou gorano pra gente morrer daqui pra lá... ou ele tava de bom coração e ajudou agente... isso foi numa quarta – feira... em caminho pra Aracaju... fiquei lá e:: e... como eu disse em coma... na quarta de noite... na quinta... quando foi na sexta-feira eu... eu recebi alta na parte da tarde... vim pra casa... só que aí:: na... na hora que+u recebi alta eu vim pra casa eu tava sim desmaiado praticamente que+u tava dormino... acho que dopado... num lembro de muita coisa na viagem... quando foi até/no final da tarde acordei... num... num... um conversero em casa...tal... quando eu levantei da cama um::... nem lembrava do acontecido... tava::... tava meio perdido... aí olhei no sofá muita gente... um::- familiares... amigos... vizinhos... ex-namorada... tudo... muita gente... num::... num... na sala conversero... levantei num entendi aquilo... a cabeça tava apertano alguma coisa... quando eu passei a mão na cabeça... tirei a atadura... olhei pro espelho... vi aquele... um corte enorme na minha cabeça... aí não aguentei... e:: sim... num sei... até fraqueza dirmaiei... aí voltei pra cama de novo... quando eu voltei a si novamente... tava todo mundo do meu lado... do meu redor... dano água açucarada... dano algo pre+eu cheirar... e:: isso pela parte física... quando chegou a partir daí foi mais ou menos um mês dois meses... tomano uns remédio muito forte...e que praticamente todo mundo que ia me visitar achava que+u ia ficar louco... que todo mundo que ia me visitar... eu num:: eu não falava...eu num falava coisa com coisa... eu não falava coisa com coisa... perguntava sobre o acidente... eu::...vinha fleche assim na cabeça... mais não:: o acidente descrito... só:: aonde era perto do Murilo... teve até:: uma vizinha minha que perguntou como foi o acidente eu:: acabei dizendo que era dento dum colégio... tinha uma carreta dento do colégio... tava meio perdido... dinortiado... num tinha muito noção do

que tava comigo... uns remédio muito forte... aí passei uns dois meses pareceno um loco... minha mãe chorano... é:: pensando que eu ia ficar... ia ficar loco...tal... mais:: depois desses dois meses eu:: até:: falei com minha mãe que eu só ficava assim devido ao:: remédio que+u tava tomano... aí ela decidiu... agente decidiu não tomá mais os remédio... aí foi melhorano aos poucos... mais isso aí é:: dô de cabeça muito forte... constante o dia todo aquela dô de cabeça muito forte... num:: num parava... atrapalhou... me atrapalhou nos estudos que eu perdi quase... um ano... me atrapalhou no trabalho muito... e aí ficou meio... meio... meio assim... vamo se dizê o dono ficou meio receoso... eu tinha apenas um ano de trabalho... mais:: em questões até:: vamo se dizê... psicológicas... eu acho que hoje... como tem... isso já tem muito tempo acontecido... tô melhor... tal... certas vezes eu ainda dá um:: dá uns impulsos meio esquisitos né? na cabeça uma dô de cabeça forte... você até dá um branco... mais eu tô melhor...tem mui/ já uns sete anos mais ou menos isso... já tô:: me recuperano mais... mais:: que no início foi difícil... que no início eu via as coisas num intendia ia pro colégio...mermo que nada... chegava na sala ficava..é mermo que ouvi e não entender... nada do que a pessoa tava falando... acabei passando de ano alguns anos mais outros reprovano... mais foi muito difícil.

Depois de coletadas todas as entrevistas para comporem a amostra, passamos para a parte de coleta e redução de dados, para posteriormente analisarmos o fenômeno e chegarmos a alguma generalização sobre sua ocorrência na variedade linguística falada naquela comunidade.

## CONCLUSÃO

Para a obtenção de dados para a análise sociolinguística, devemos nos certificar se estes compõem uma amostra representativa da comunidade de fala investigada e se são válidos para refletir o fenômeno linguístico escolhido. Além disso, devemos garantir que os procedimentos adotados para obtê-los sejam confiáveis e reproduzíveis, asseverando o valor científico da investigação. Devemos, ainda, atentar para o paradoxo do observador, adotando uma postura investigativa que minimize a parcialidade dos dados. O protocolo da entrevista sociolinguística apresentado nesta aula responde adequadamente a estas restrições.

### RESUMO



Depois de termos conhecido os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, vimos como estes são aplicados. Vimos que o interesse da Sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008, p. 13), a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo, com o menor monitoramento possível. Para tanto, vimos que alguns passos devem ser seguidos no modelo de análise sociolinguística, ou seja, a sistematização de dados se processa primordialmente em: 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade; 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que constituem; 3) análise dos possíveis fatores condicionadores que podem estar favorecendo o emprego de cada uma das variantes; 4) encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade; 5) projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade (TARALLO, 1985, p. 10-11). Esses indícios de mudança linguística são buscados pela Sociolinguística Variacionista em estudos que envolvem dados do tempo real ou de tempo aparente. Cabe aqui mencionar que o protocolo apresentado nesta aula responde adequadamente a qualquer projeto de pesquisa dentro deste campo do saber.

### ATIVIDADES



1. Vamos coletar dados? Identifique um potencial informante, preferencialmente da sua comunidade, faça a certificação de que este tem o perfil pré-estabelecido. Prepare previamente um roteiro, com sugestão de temas e realize a entrevista. Depois de realizada, faça a sua transcrição. Compartilhe com os colegas. Assim, todos poderemos conhecer o falar das diferentes comunidades de fala de onde advêm nossos alunos da EaD.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você verá que esta atividade será muito prazerosa. Muitos pesquisadores, ao realizarem esta etapa da investigação – a coleta –, acabam se envolvendo com a narrativa de tal forma que se esquecem de que estão sendo gravados! Procure abordar na entrevista temas como a infância, história da comunidade, relações familiares, festas, doença (esse tema é muito produtivo!), caso de risco de morte, receitas culinárias, enfim, pesquise temas que rendam conversa. E não se esqueça de que quem deve falar é o entrevistado!

A transcrição é uma atividade que, no início, parece complexa e trabalhosa, mas que, com a prática, acaba sendo um aprendizado gramatical. Faça-a, pois, na próxima aula, iremos para a abordagem prática!

## PRÓXIMA AULA

Depois de obtidos os dados, o que fazemos? Na próxima aula, A análise das regras variáveis, veremos os procedimentos para “calcular a variação”.

## AUTOAVALIAÇÃO

Ao final desta aula, sou sentir capacitado para realizar uma entrevista sociolinguística? Conhecer pessoas, conhecer histórias e, além de tudo, contribuir para a pesquisa sociolinguística brasileira?

## REFERÊNCIAS

- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change – social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.
- SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

